

Cultura surda

Elidéa Lúcia Almeida Bernardino *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-3718-9631>

RESUMO

Um povo não pode ser distinto da sua cultura, e uma cultura não pode ser dissociada da sua língua. A língua é um fator de identificação do sujeito. Assim é com a cultura surda. O povo surdo está intimamente ligado à Libras e vice-versa. Para se quebrar o paradigma da deficiência é necessário enxergar as restrições que tanto surdos quanto ouvintes têm. Nesse texto, a questão da cultura surda é abordada de acordo com alguns pesquisadores – surdos e ouvintes, ligados de alguma forma aos surdos. O ponto principal está na visão de mundo que o surdo tem, intimamente relacionada à língua de sinais. Trata-se da “cultura da visão” em relação à “cultura da audição”. Para que possamos conhecer o outro, é necessário que nos coloquemos no seu lugar, tentando compreender a sua perspectiva de vida.

PALAVRAS-CHAVE

Surdo; Cultura surda; Libras; Identidade surda.

Deaf culture

ABSTRACT

A people cannot be separated from their culture, and a culture cannot be separated from its language. Language is a factor in identifying the subject. So, it is with deaf culture. Deaf people are closely linked to Libras and vice versa. To break the disability paradigm, it is necessary to see the restrictions that both deaf and hearing people have. In this text, the issue of deaf culture is addressed according to some researchers – deaf and hearing people, linked in some way to the deaf. The main point is the worldview that deaf people have, closely related to sign language. This is the “culture of vision” in relation to the “culture of hearing”. For us to get to know others, we need to put ourselves in their shoes, trying to understand their perspective on life.

KEYWORDS

Deaf; Deaf culture; Libras; Deaf identity.

“Se não há limite entre a grandeza e a pequenez, e nenhum ser humano é exatamente igual a outro, podemos concluir que ser surdo não é melhor nem pior que ser ouvinte, mas diferente.” (Salles et. al., 2002)

* Doutora em Linguística Aplicada (Boston University, 2006), mestra em Estudos Linguísticos (UFMG, 1999), graduada em Letras (1995) e em Tradução (1993) pelo Centro Universitário Newton Paiva. É Professora Associada na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, onde também realizou seu primeiro Pós-Doutorado (2009). É líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: “Núcleo de Estudos de Libras, Surdez e Bilinguismo – NELiS”. Os principais temas de interesse são: Linguística Cognitiva; estudos sobre a Libras (Expressões não-manuais, Classificadores, Ação construída e perspectiva); ensino de segunda língua/língua adicional (L2/Ln) para surdos e Educação de surdos. E-mail: elidea.ufmg@gmail.com

Introdução

As pessoas são diferentes umas das outras, tanto fisicamente quanto na forma de pensar e agir. Sabemos também que o padrão de “normalidade” é irreal – quase todos têm, de alguma forma, algum tipo de deficiência, ou algo que a própria pessoa não agrada em si mesma. São muito raros aqueles que não têm nenhum “defeito” (não usa óculos, não tem cáries nos dentes, está satisfeito com o corpo, o nariz, os cabelos, não tem gordurinha sobrando ou ossos demais aparecendo). São essas diferenças que nos caracterizam como pessoas “normais”, já que a imperfeição nos torna semelhantes pelo fato de sermos todos diferentes.

No caso das pessoas surdas, o fato de não ouvir não os torna “anormais”, apesar de ser essa a concepção que muitas pessoas ainda têm da surdez. Os Surdos não são “ouvintes com defeito”, ou seja, apesar de não ouvirem, a maioria deles não se sente uma pessoa incompleta. Muitos surdos não têm a sensação de “perda”, por nunca terem ouvido. Se você nunca teve um sentido, não pode sentir a sua falta. Por exemplo – suponhamos que a humanidade tivesse um “sexto sentido” com o qual as pessoas fossem capazes de perceber a presença do perigo. Esse sexto sentido seria muito útil, não só para os nossos antepassados, mas até hoje.

Muitos acidentes poderiam ser evitados pela simples percepção, por exemplo, de “ondas perigosas”, ou mesmo por uma capacidade de percebermos más intenções em pessoas inescrupulosas. Mas o fato de não termos esse sentido não nos impede de termos atenção redobrada ao atravessarmos uma rua com tráfego intenso, ou de evitarmos certos lugares desérticos à noite, ou ainda de termos cautela ao tratarmos com pessoas desconhecidas.

Pelo fato de nunca ter ouvido, um surdo profundo de nascença, por exemplo, não conhece o que é o som. O seu cérebro nunca fez essa discriminação, pelo fato de que as áreas que são destinadas a essa percepção nunca foram ativadas com esse fim. Alguns estudos chegaram a constatar que surdos profundos de nascença, usuários de uma língua de sinais, têm áreas do cérebro que em outras pessoas seriam destinadas à audição, usadas para o processamento da visão (Emmorey, 2002).

Vários surdos atestam que não sentem a necessidade de ouvir para sentirem-se completos. Sam Supalla é um surdo que nasceu em uma família de surdos. Tanto os pais, quanto os irmãos e parentes mais próximos eram todos surdos e comunicavam entre si através da Língua de Sinais Americana (ASL). Segundo Salles, et. al. (2002: 37), ele foi

levado a descobrir a sua surdez através de um episódio acontecido na infância. Ele conheceu uma menina, mais ou menos da sua idade, que morava no apartamento ao lado do seu. Logo ficaram amigos, e começaram a brincar juntos. Entretanto, ela era meio “esquisita”: ele não conseguia conversar com ela da mesma forma que conversava com seus pais e irmãos mais velhos. Ela não entendia nem mesmo os gestos mais simples que ele fazia.

Como ela não entendia, ele simplesmente apontava para o que queria, ou puxava a amiguinha para os lugares que queria ir e as brincadeiras que queria fazer. Um certo dia, a mãe dela chegou simplesmente moveu os lábios. A amiguinha juntou seus brinquedos e foi embora, como num passe de mágica. Incomodado, ele foi comentar com sua mãe, tentando entender o que havia acontecido com sua amiguinha, já que ela agiu de uma forma tão estranha. Ao comentar o fato, sua mãe lhe disse, pela primeira vez, que não era a amiguinha e a sua família que eram estranhas: era ele e sua família que eram surdos, já que a maioria das pessoas conseguia ouvir e que eles se comunicavam movendo os lábios, com uma “fala” diferente da fala de sua família. Sam não tinha nenhum sentimento de perda. Para ele, sua família era normal (e não deixaria de ser), e a comunicação em sinais é que era a forma correta de se comunicar. Por ter o acesso à ASL desdeo nascimento, Sam pôde desenvolver toda a sua potencialidade e vir a tornar-se um dos maiores estudiosos sobre surdez nos Estados Unidos.

Quebrar o paradigma da deficiência é enxergar as restrições que tanto surdos quanto ouvintes têm. Se os surdos não conseguem comunicar-se bem no escuro, ouvintes também têm dificuldades de comunicação em ambientes barulhentos. Os ouvintes costumam participar de festas à meia-luz, enquanto os surdos preferem as festas bem iluminadas. Para os ouvintes, é falta de educação comer e conversar ao mesmo tempo, o que para os surdos é normal, já que a comunicação ocorre pelas mãos, e não pela boca. O fato de não ouvirem leva os surdos a atentarem para o mundo de forma diferente dos ouvintes.

Vários autores chegam a falar sobre o que seria a “Cultura da visão” em oposição à “cultura da audição”. A primeira, que seria a cultura da comunidade surda, seria a cultura que é desenvolvida com base na intensa visualidade dos sujeitos surdos, sendo que a segunda seria a cultura das pessoas ouvintes. Nos Estados Unidos, a questão relativa à “Deaf Culture” (cultura dos Surdos) está muito ligada ao fato de que muitas das crianças surdas americanas estudaram em “escolas-residências”, ou seja, internatos onde as crianças não somente comunicavam umas com as outras através da Língua de Sinais

Americana (ASL), mas também tinham contato com monitores e professores surdos o tempo todo.

Esse tipo de educação é ainda o que é defendido plenamente pela comunidade surda americana (e também pela comunidade Surda brasileira). Gilbert Eastman (2000), um surdo americano, define “Surdo” (DEAF), com letras maiúsculas, como aquela pessoa que tem perda auditiva e participa da comunidade surda, aceitando (e defendendo) sua Língua de Sinais e sua cultura própria, que são diferenciadas dos ouvintes. Vários surdos brasileiros têm a mesma concepção, só que em vez de destacarem todas as letras como maiúsculas, destacam apenas a primeira letra. Os Movimentos organizados por surdos brasileiros destacam que os surdos necessitam de um suporte que só uma escola de surdos (especial) pode dar. Eles lutam por uma escola onde a língua utilizada na educação seja a Língua de Sinais (no Brasil, a Libras), onde a educação seja voltada para princípios culturais e humanísticos e onde as crianças surdas possam desenvolver uma “identidade surda”. (“A Educação que nós Surdos queremos. Documento elaborado pela Comunidade Surda a partir do Pré-congresso ao V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngüe para Surdos, Porto Alegre, RS, UFRGS, nos dias 20 a 24 de abril de 1999” – apud Rodrigues, 2008).

No Brasil, os surdos geralmente têm o primeiro contato com a Língua de Sinais (LS) também na escola. Como a maioria dos surdos tem pais ouvintes (de 90 a 95%), são poucos os que têm contato com a LS desde o nascimento. Com isso, a LS é transmitida de uma geração a outra, mas não da mesma forma que a língua oral é transmitida às crianças ouvintes.

Assim como em todas as culturas existentes no mundo, a Cultura Surda está diretamente relacionada ao uso da LS. A língua é um fator de identificação do sujeito, e não é diferente entre os surdos. Muitos surdos, apesar de terem acesso e aprenderem a LS depois de adultos, têm-na como a sua língua materna, ou primeira língua. Apesar de ser transmitida de uma geração à outra através da escola, os surdos encontram nessa língua uma comunicação natural, sem as dificuldades que encontram na língua oral. Se tivermos oportunidade de observarmos o quão difícil é ler os lábios, poderemos entender um pouco do que é ser surdo.

Para nós, que ouvimos, se tirarmos o som da televisão e ficarmos observando os movimentos labiais do *âncora* de um jornal ainda não seremos capazes de avaliar essa dificuldade. Como ouvintes, temos acesso às palavras e conceitos desde que nascemos, não sendo difícil para nós percebermos a ligação existente entre dois termos como

nascente e *nascimento*, ou a diferença que existe entre *bata* e *pata*. Para o surdo, porém, esse aprendizado não é natural, uma vez que ele não ouve. Além de ser preciso entender o movimento dos lábios do falante, discriminando, por exemplo, consoantes *sonoras* (como “b” ou “d”) daquelas que têm o mesmo movimento labial, porém sem a vibração das cordas vocais (no caso, “p” ou “t”), o “leitor labial” ainda tem de identificar a qual conceito aquela palavra está associado.¹

Por esse, e vários outros motivos, os surdos preferem a LS, pois é uma língua visual, cujo significado depende apenas do sentido que os surdos tem mais aprimorado, ou seja, da visão.

Outro elemento importante na Cultura Surda é a existência de “clubes” ou “associações” de surdos. Nessas entidades, os sujeitos surdos se encontram e podem trocar idéias e informações diversas. O fato de sentirem-se isolados dentro de casa, ou no seio familiar (já que normalmente são pouquíssimos familiares que conhecem a LS e ainda bem menos os que dominam essa língua para travar uma comunicação efetiva com os familiares surdos), faz com que os surdos tenham necessidade de ter alguém com quem compartilhar suas idéias.

Por isso, é fácil observar que em escolas (de ouvintes) que têm surdos incluídos, normalmente no horário da saída sempre tem algum surdo esperando pelo colega para conversar. Em escolas só de surdos, ou em associações, os surdos encontram ali o que não têm em casa. Se algum deles sabe de alguma notícia (que leu ou que alguém lhe contou), imediatamente informa ao colega. Essa necessidade de passar a informação é tão grande que chega ao ponto de ser confundida com “fofoca”.

Compartilhar a informação é grandemente valorizado pela comunidade surda. Os surdos no mundo inteiro têm o costume de manter uns aos outros informados sobre os acontecimentos. Isso tem sido muito mal interpretado pelos ouvintes, que consideram “fofoca”. Mas o compartilhar as informações é um fator que promove a unidade entre os membros da comunidade.²

¹ Uma surda, falando sobre sua dificuldade com a leitura labial, me contou que durante um ditado, na escola, ela ficou “perdida” quando a professora ditou *camisa*. Ela disse que não sabia se era *capissa*, *gabiça*, *capisa*, *gamiça*... já que ela não conhecia o conceito de *camisa*, e não conseguia associar o que “lia” nos lábios da professora com os conceitos que ela conhecia.

² Quando aconteceu o ataque das torres gêmeas, nos Estados Unidos, por Bin Laden e seu grupo, eu morava em Boston, onde cursava o doutorado. Por estar aprendendo a Língua de Sinais Americana, ASL, a professora convidou todos os alunos a participarem de uma das reuniões na associação de surdos local. Lá, um dos participantes apresentou slides onde explicava para os presentes não só as notícias dos jornais (às quais os surdos não tinham compreendido), mas todo o contexto envolvido: quem era Bin Laden, a rixa existente entre os muçulmanos e os EUA, de onde saíram os aviões (dois deles haviam saído de Boston), o treinamento militar que os EUA haviam dado a vários muçulmanos, entre eles componentes do grupo de Bin

Lane, Hoffmeister e Bahan (1996), ao discorrer sobre a Cultura Surda, afirmam que existe uma máxima entre eles, uma “regra de convivência”, ou um princípio de etiqueta. Essa regra pode ser traduzida como: “*Sempre diga as coisas de forma a facilitar a comunicação*”. Para facilitar a comunicação, você deve evitar rodeios e circunlóquios. Por esse motivo, o surdo é direto no que diz. Se ele fica muito tempo sem encontrar com uma pessoa, ao encontrá-la ele pode fazer comentários do tipo: “você engordou/emagreceu”, “seu cabelo está feio/bonito”. No caso de comentários positivos, isso é até comum entre os ouvintes. Porém, os comentários negativos não são falados para evitar constrangimento.

Normalmente, isso não é assim com o surdo. A não ser que ele seja educado pela família de forma a evitar esse tipo de comportamento, a fala direta não é considerada rude ou falta de educação. É apenas uma forma de “facilitar a comunicação”. Por trabalhar com surdos há vários anos, tive de aprender isso com a convivência com eles. Aprendi tanto a não me chocar com os comentários que eles faziam, quanto a ter uma fala direta no meu relacionamento com eles. Se não concordava com alguma atitude, ou se algum visitante demorava-se a ir embora de minha casa, aprendi a falar claramente que já era hora de ele ir embora porque eu precisava dormir para acordar cedo no outro dia. O visitante simplesmente despedia-se da família e ia embora para sua casa, sem constrangimento algum. Esse tipo de comportamento não é aceitável entre ouvintes, se não houver um grau de intimidade entre as pessoas.

2. Ser surdo não é melhor, nem pior que ser ouvinte.

Entretanto, o surdo tem muito mais obstáculos nas relações com a família, a escola e a comunidade. Como Oliver Sacks argumenta:

O surdo pré-lingual corre o risco de ficar consideravelmente retardado em sua apreensão da linguagem a menos que sejam tomadas providências imediatas e eficazes. E ser deficiente na linguagem é uma das mais desesperadas calamidades, pois é somente através da linguagem que ingressamos plenamente em nossa condição e cultura humana, comunicamo-nos com nossos semelhantes, adquirimos e partilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, estaremos bizarramente incapacitados e isolados – quaisquer que sejam nossos desejos, esforços ou capacidades naturais. E, na verdade, podemos ser tão pouco capazes de realizar nosso potencial intelectual a ponto de parecermos mentalmente deficientes. (Sacks, 1990: 24).

Laden, etc. A maioria dos surdos e surdos-cegos presentes só tiveram acesso a essas informações nessa reunião do clube

O surdo que não tem acesso a uma linguagem efetiva que possa adquirir estará em completa desvantagem com relação ao ouvinte: ele não será apenas “diferente”, mas corre o risco de tornar-se realmente “deficiente”. Por esse motivo que os surdos congênitos eram considerados estúpidos no passado, declarados “incompetentes” para herdar propriedade, casar, receber instrução, ter um trabalho adequado – e tiveram negados os direitos humanos fundamentais. Essa situação só começou a mudar em meados do século XVIII, quando educadores como o Abade de L’Epée aprenderam a língua de sinais dos surdos e começaram a usá-la na sua educação. No entanto, várias pessoas de renome no passado tiveram influência muito negativa na educação e na comunidade dos surdos, por acreditarem que a falta de uma linguagem oral causava vários problemas, entre eles a demência. Uma dessas pessoas foi Alexander Graham Bell, o inventor do telefone.

Graham Bell foi um defensor incansável do “oralismo”, ou seja, de uma filosofia que acredita que o surdo deve aprender a falar (oralmente), e que só através da fala ele poderá estar realmente incluído na sociedade. Aqueles que são contrários ao oralismo não são, necessariamente, contrários ao aprendizado da fala. Entretanto, essa é uma habilidade que a maioria dos surdos profundos não consegue desenvolver, por melhores que sejam os profissionais de fala e a metodologia utilizada.

Alguns conseguem progressos notáveis, conseguindo falar de uma forma clara e límpida. Mas essa perfeição e clareza só é conseguida após anos de dedicação, esforço (da família e do indivíduo), e horas de treinamento. Bell não somente era a favor do oralismo, mas era totalmente contrário ao uso da língua de sinais e à existência de uma comunidade de surdos. Ele chegou a promover campanhas contrárias ao casamento entre surdos. Em 1883 ele publicou um “Memorial sobre a formação da variedade surda da raça humana” (*Memoir Upon the Formation of a Deaf Variety of the Human Race*). Nesse memorial, que ele imprimiu e distribuiu largamente, ele afirmava que o casamento entre surdos estaria provocando o surgimento de uma “raça deteriorada”, por acreditar que esse tipo de união teria como consequência o nascimento de vários bebês surdos (Lane, Hoffmeister & Bahan, 1996: 382).

Os surdos gostam de estar juntos, de encontrar-se para trocar idéias e informações, para participarem de atividades sociais e esportivas juntos, o que muitas vezes leva ao casamento entre pares surdos. Entretanto, as estatísticas sobre os surdos mostram que apenas de 5 a 10% dos surdos provém de famílias em que os pais são ambos surdos. Na maioria das uniões entre surdos os filhos são ouvintes. Isso leva

alguns pesquisadores a crer que a surdez genética seria recessiva, e que a maioria dos surdos não são possuidores desse(s) gen(es).

O sociólogo surdo Anderson, da Universidade Gallaudet, afirma que os cientistas e líderes surdos não aceitam a classificação da definição de cultura surda como uma “sub-cultura” (Anderson, 1994, apud Salles, et. al., 2002: 39). Segundo ele, “o prefixo ‘sub’ implica subordinação de valores de um grupo a outro, porém *a cultura dos surdos sinaliza que as normas, valores, tecnologia e linguagem dos surdos são diferentes dos de outros grupos humanos*”. Entretanto, os surdos compartilham do mesmo espaço físico e da cultura da maioria dos familiares (que são ouvintes). Se pensarmos em questão de vestuário, comidas, comemorações festivas, os surdos estão na verdade incluídos na cultura do local em que vivem. Porém, se pensarmos em outros aspectos importantes para os surdos, como por exemplo a sua língua e os valores que eles compartilham, eles teriam, na verdade, uma cultura própria, distinta da cultura dos ouvintes.

3.Aspectos da cultura surda

Língua de Sinais

- ✓ Um símbolo de identidade – os surdos têm na LS um símbolo de luta e identidade. Eles não só comunicam-se através dessa língua, mas vários deles gostam de criar poesias, metáforas, contar histórias através dessa língua. Ela é um fator de união dos surdos.
- ✓ Um meio de interação social – os surdos recebem somente informações fragmentadas fora do “mundo dos surdos”, além de não terem oportunidade de uma interação real com outras pessoas que não usem a LS.
- ✓ Uma forma de compartilhar experiências comuns, crenças culturais e valores

Costumes

- ✓ Valores – contato físico é extremamente importante: os surdos valorizam o toque, o abraço, o “estar junto”.
- ✓ O “Sinal-nome” é usado para introduzir uma pessoa, ou para referir-se a ela quando estiver ausente: os surdos não usam o “sinal-nome” de uma pessoa na sua presença ou enquanto estiverem comunicando-se com ela
- ✓ Os surdos são diretos, indo diretamente ao ponto e dizendo o que acham explicitamente
- ✓ Um princípio de etiqueta seria “sempre diga as coisas de forma a facilitar a comunicação”

✓ A fala direta não é considerada rude, mas o que é considerado rude são: sair de repente, conversas privativas e a quebra do contato visual.

Os membros da cultura surda têm regras distintas para:

✓ Chamar a atenção – se uma pessoa está distante, não deve chamar a atenção de um surdo acenando e movimentando os braços até conseguir que este volte-se para ela. O mais apropriado é conseguir a atenção de outro sujeito que esteja próximo e pedir a esse que chame o outro, com um toque. Se estão numa sala fechada, outra forma de chamar a atenção é piscando as luzes, o que faz com que todos os surdos voltem-se para a pessoa que está próxima ao apagador. Uma outra forma ainda, caso a pessoa surda esteja trabalhando num computador, por exemplo, não é colocar-se na frente da pessoa, ou interrompê-la colocando a mão à sua frente. O mais apropriado é dar um toque leve no ombro da pessoa surda, e assim que esta puder desviar sua atenção, ela se voltará para o seu interlocutor.

✓ Troca de turnos na conversação – durante uma conversação, para conseguir a palavra a pessoa não tem como “falar mais alto”. A forma que eles encontram nas trocas de turnos é através de um aceno, olhando para os participantes do diálogo. Assim que o interlocutor terminar o assunto, deve voltar-se para o que acenou com a mão.

Passar entre duas pessoas que estão conversando em sinais – durante uma conversação, ou se alguém estiver traduzindo para uma pessoa surda, é considerado extremamente rude passar na frente ou interromper a conversa. Caso duas pessoas estejam conversando junto a uma passagem (numa porta, por exemplo), deve-se passar por entre elas rápido, sem interromper a conversa, ao invés de parar próximo a elas e esperar que se voltem para a pessoa para autorizara passagem. Também é considerado rude ficar olhando a sinalização quando duas pessoas estão conversando em sinais. É como alguém ficar escutando conversa alheia.

✓ Dar nomes às pessoas que fazem parte da comunidade (da família, da comunidade surda ou pessoas que são importantes nas relações de trabalho, escola, igreja, etc.) – os surdos geralmente procuram características físicas que lembrem a pessoa (uma marca ou “pinta”, corte de cabelo, dentes, olhos, sobrancelhas), ou criam algum sinal com a primeira letra do nome da pessoa.

A educadora surda, doutora Gládis Perlin, identifica quatro outros tipos de identidades além da identidade surda, a qual ela define como “*ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais*”:

- ✓ Identidade flutuante – o surdo se espelha no ouvinte – vive e se manifesta de acordo como ouvinte;
- ✓ Identidade inconformada – o surdo não consegue ser como o ouvinte e sente-se numa identidade subalterna;
- ✓ Identidade de transição – o contato com a comunidade surda é tardio, o surdo usa a língua de sinais mas passa por um conflito cultural;
- ✓ Identidade híbrida – surdos que nasceram ouvintes e ensurdeceram – dependem dos sinais e do pensamento na língua oral;
- ✓ Identidade surda – assumem a identidade surda e se vêem como sujeitos culturais.

Gilbert Eastman, um surdo americano, identifica quatro tipos de sujeitos com relação à LS e à Cultura Surda. Os surdos brasileiros que fazem parte da comunidade surda fazem distinção entre “surdo sinalizador” e “surdo oralizado”. Entretanto, a definição de “surdo oralizado” não o caracteriza como contrário ao uso da LS, já que muitos surdos são oralizados e também usam a LS. Existem vários surdos, entretanto, que não fazem parte da comunidade surda, são oralizados e não aceitam a LS. Esses normalmente só interagem com os surdos da comunidade surda por meio da internet, em *chats* e *listas de discussão*. São poucos os casos de surdos que não aceitam a LS que participam da comunidade surda. Vários surdos que eram só oralizados, após contato com a LS, decidem fazer parte da comunidade de surdos e procuram aprender sua língua.

4. Tipos de surdos

Definição de Eastman (2000), de tipos de surdos e de ouvintes:

- ✓ Pessoas **SURDAS** – aquelas que têm uma perda auditiva, usam a Língua de Sinais Americana (ASL) naturalmente, e cuidam com carinho e preservam a cultura SURDA.
- ✓ Pessoas **surdas** – aquelas que têm uma perda auditiva, mas não valorizam as pessoas SURDAS, sua língua ou sua cultura.

- ✓ Pessoas **OUVINTES** – aquelas que não são propriamente SURDAS, mas que valorizam as pessoas SURDAS, sua língua e sua cultura.
- ✓ Pessoas **ouvintes** – aquelas que não são propriamente SURDAS, e que não valorizam as pessoas SURDAS, sua língua ou sua cultura.

Apesar de não terem uma língua escrita, os surdos possuem literatura própria em língua de sinais. A maioria das histórias são relativas a desencontros com ouvintes, onde os ouvintes “levam a pior” por tentarem fazer-se de surdos. Outras vezes os surdos “descartam” os ouvintes como se fossem “desnecessários”. Isso é feito, na maioria das vezes, através de piadas que são contadas nas rodas de conversação, em encontros de surdos, e em cursos de LS.

O humor Surdo retrata, na maioria das vezes, a incompreensão da surdez pelo ouvinte. Algumas piadas procuram mostrar características próprias da intensa visualidade dos surdos, contrastando com a importância da audição para os ouvintes; outras mostram que os ouvintes são tolos, por não conseguirem perceber as coisas como os surdos. Os surdos possuem histórias de vida e pensamentos diferenciados dos ouvintes. A sua língua visual-espacial implica numa visão de mundo diferente da compartilhada pelo mundo ouvinte, cuja língua de modalidade oral tem o som como substância principal. A diferença principal parece estar realmente na “cultura da visão” em relação à “cultura da audição”.

Referências

- Eastman, Gil. *Just a DEAF Person's Thoughts II*. Burtonsville, MD: Sign Media. 2000.
- Emmorey, Kare. *Language, cognition and the brain: insights from sign language research*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, publishers. 2002
- Lane, H., Hoffmeister, R. & Bahan, B. *A journey into the Deaf-World*. San Diego, California: Dawn Sign Press. 1996.
- Rodrigues, Carlos Henrique. *Situações de incompreensão vivenciadas por professor ouvinte e alunos surdos na sala de aula: processos interpretativos e oportunidades de aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2008.
- Sacks, Oliver. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1990.

Salles, et. al. (Salles, H., Faulstich, E., Carvalho, O. & Ramos, A.) *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos – caminhos para a prática pedagógica*. Vols. 1 e 2. Brasília, DF: MEC. 2002.

*Texto elaborado para uso nas disciplinas “Fundamentos da Libras” e “Libras I”, da Faculdade de Letras da UFMG, em Belo Horizonte, 10 de setembro de 2008

Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 29/08/2024

Para citar este texto (ABNT): BERNADINO, Elidéa. Cultura surda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.304-315, out. 2024.

Para citar este texto (APA): Bernadino, Elidéa (out. 2024). Cultura surda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): p.304-315.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>